

## “Um estudo sobre a cultura brasileira: o caso da imigração Síria e Libanesa em São Paulo”

Márcia Maria Cabreira\*

*“Abandonar o lugar que amamos significa ficarmos condenados a conviver com nossa perda para sempre.”*

COWAN, James. *O sonho do cartógrafo*, Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.48)

*“São Paulo não é uma cidade brasileira de 450 000 habitantes, mas uma cidade italiana de aproximadamente 100 000, uma portuguesa de talvez 40 000, uma espanhola de igual tamanho e uma cidade pequena (kleinstadt) alemã de mais ou menos 10 000 habitantes, com pouca de suas vantagens e muitas de suas desvantagens. **Há ainda uns 5 000 sírios, que sozinhos possuem três jornais em caracteres arábicos.**”*

Ernst von Hesse-Warteg, viajante alemão na primeira década do século XX, Coleção Nosso século/1900-1910, São Paulo: Abril Cultural, 1980, p.188)

O trabalho em questão aborda a imigração síria e libanesa para o Brasil, em específico para a cidade de São Paulo, entre o final do século XIX e a década de 40 do século XX. Interessa-me saber como, com a chegada desse grupo o espaço da Rua 25 de março foi sendo criado e recriado.

A base teórica dessa pesquisa está construída a partir do conceito de paisagem atrelado ao de memória e lugar. A paisagem é entendida aqui como sendo a representação de uma parte do espaço preenchida de significados dinâmicos, de maneira a tornar-se um espaço atribuído de um determinado imaginário social. Ela é composta não só de praças, monumentos, ruas, mas também, de cores, odores que evoquem a lembrança de outros lugares, ou seja, de outros espaços vividos. O entendimento sobre o “outro”, é uma pista importante quando estudamos a paisagem através da perspectiva do universo simbólico da cultura que a (re)constrói.

Não é fácil recriar o passado. Talvez impossível. O que se pode fazer é tomar as impressões de um tempo e um espaço que se foram e recuperar-lhes a memória, que como diz Nora, “fica latente por longos períodos, depois desperta subitamente.”

Como então recuperar esse espaço e esse tempo que se foram? Em São Paulo, isso se torna um grande desafio, na verdade um grande quebra cabeças ou, segundo o

---

\* Doutoranda em Geografia Humana pelo programa de pós graduação da Universidade de São Paulo, professora do Centro Universitário Nove de Julho e do Colégio Brasília.

olhar de Lévi-Strauss, *une bricolage*<sup>1</sup>. As marcas da paisagem de outrora são muito tênues. É preciso um olhar acurado e direcionado para perceber a memória paulistana. O conceito de paisagem aqui utilizado vem atrelado ao de memória e lugar.

Essa paisagem que delimitei, em função de sírios e libaneses a considerarem **como o lugar da sua referência identitária** – rua 25 de Março, rua Abdo Schaim, rua Cavaleiro Basílio Jafet, Ladeira Porto Geral e Ladeira General Carneiro – ganha dinamismo quando **se procuram os símbolos** que um contingente significativo de pessoas, com hábito diferentes dos aqui presentes, trouxe para cá.

De alguma forma esses símbolos atravessaram mais de cem anos, modificando-se de modo a compor o cotidiano não somente desse grupo, mas de outro maior. Na medida em que esses símbolos que evocam o passado estão no presente e projetam o um futuro, eles significam a necessidade de alcançar uma utopia. No caso da América como um todo, essa utopia equivale a uma vida melhor e digna, com a possibilidade de retorno a terra de origem! A ascensão social tornar-se um símbolo chave do movimento migratório, independentemente do grupo a que nos referimos. Utilizando uma expressão muito comum na época, vinham “*fazer a América*”.

O que busco fazer é trabalhar com os fragmentos da memória dessa imigração e reconstruir a geografia de uma parte da cidade de São Paulo, que muito se modificou. Retomando o pensamento de Lévi-Strauss, seria como enxergar os imigrantes sírios e libaneses e a mim como *bricoleurs*. Explicando melhor tomo-me como brixoleur já que procuro recompor essa história da imigração através dos fragmentos da memória que estão silenciados e que serão evocados. Os imigrantes também são *bricoleurs* já que estão em permanente construção de seu universo simbólico, isto é, tentando ressemantizar sua cultura. Já a pesquisa pode ser vista como um *bricolage*, pois compõe todo esse mosaico.

Podemos perceber a polissemia do imaginário dos imigrantes quando observamos o que aconteceu com a cidade de São Paulo a partir de meados do século XIX, no momento em que vários grupos étnicos vindos da Ásia ou da Europa, transformaram, construíram e reconstruíram a paisagem aqui existente. Há uma construção identitária do espaço, que se faz através dos símbolos culturais, que são a congregação do seu *squemata*<sup>2</sup> com o lugar. Os sírios e os libaneses com certeza refizeram seu **espaço vivido**, ou seja, **o seu lugar**, no Brasil, quando trouxeram seus

---

<sup>1</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. Ciência do Concreto. In: *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papyrus, 1997, p.15-90.

<sup>2</sup> GOMBRICH, Ernst H. *Arte e Ilusão*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, 384p.

aromas, suas ervas e temperos, seus costumes, que de uma maneira ou de outra foram sendo captados e ressemantizados pelas gerações que se seguiram. A tradição está presente na construção dessas *novas paisagens* na América. Sua consideração é importante porque a percepção que o indivíduo tem do seu lugar de origem é que vai guiá-lo no momento em que ele constrói o seu novo lugar, o seu novo modo de vida.

A chegada desses imigrantes no Brasil começa por volta de 1870/1880. Ao contrário dos outros grupos que imigraram (italianos, espanhóis, alemães, portugueses, dentre outros), eles não vieram para trabalhar na lavoura cafeeira e nem eram financiados pelo governo ou por algum cafeicultor. Vinham em busca de melhorar de vida, ganhar mais e na maioria dos casos com intenção de voltar à terra de origem.

Sírios e libaneses andaram por praticamente todo território nacional. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul, o mascate levava em sua mala além das linhas, tecidos, agulhas, roupas prontas, rendas, as notícias de uma cidade para outra, de uma fazenda para outra, de uma família para outra. Ele recebeu várias denominações, dentre elas deve-se destacar a de **cometa** e **vanguardeiro**. Não é muito difícil entender por que ele recebeu denominações como estas. Durante muito tempo foi somente ele que levou o comércio aos pontos mais distantes do país e com o menor intervalo de tempo possível. Muitas vezes ele tomava o trem ia até a última estação. Chegava na cidadezinha e ainda andava mais um bom pedaço, com o baú lotado de mercadorias nas costas ou no lombo do animal.

Segundo um dos entrevistados:

*“Quer dizer a estrada seguia o mascate, não o mascate seguia a estrada.”<sup>3</sup>*

Outro depoimento muito interessante sobre o mascate foi feito pelo Sr. Issa Saad:

*“E eu fui trabalhando... Nunca pensei que estivesse trabalhando para acumular dinheiro. Nunca, nunca, nunca. Estava trabalhando para trabalhar. Gostoso por que a cada viagem ... no fim, se vendia 10, 15 mil, me sobriam 500 mil réis, depois 1 conto de réis de mercadoria! Eu calculei: uma vez levei 17 contos de réis de mercadorias: para 17 contos preciso de 17 malas de um metro de comprimento. Carreguei tudo isso... Cheguei em Avaré – nunca esqueço era pegar da estação e levar para um hotel. Chego*

---

<sup>3</sup> Depoimento do Sr. Samoel Atlas, coletado em setembro de 2000.

*no hotel ...às vezes não vendia nem uma mala. Volta outra vez, carrega tudo para o trem.”<sup>4</sup>*

Nesse depoimento sobre o cotidiano de seu trabalho o Sr. Saad, deixa algumas pistas para analisarmos o seu ofício. Uma delas é a maneira como ele o encara. O trabalho não é visto somente como uma forma de acumulação é também um meio de obtenção de dignidade e (re)construção de sua identidade nesta nova terra

O mascate tornou-se a figura emblemática da imigração síria e libanesa no Brasil. A atividade de mascatear é antiga, e conhecida em outras partes do mundo. Mas aqui, ela adquiriu um sentido especial. Antes desses imigrantes, italianos, alemães e portugueses exerciam essa prática. A forma peculiar de negociar, segundo a qual as pessoas pagavam as mercadorias compradas na medida de suas posses (**o chamado crediário**), deu-lhes em pouco tempo a primazia neste tipo de atividade econômica.

Em São Paulo, fixaram-se inicialmente na área da Várzea do Carmo (corresponde à área central da cidade, na época era periferia). Lá a Rua Vinte e Cinco de Março é o lugar que mais remete à presença desses imigrantes em nossa cidade. Até hoje a rua é vista como a “*rua dos turcos*”. Mesmo depois com a chegada dos chineses e coreanos esta imagem pouco se transformou. Atualmente cerca de 50% dos comerciantes são chineses e coreanos, porém a maioria dos imóveis ainda pertence aos árabes.

Os terrenos mais baratos foram atraindo pouco a pouco uma camada menos favorecida em busca de trabalho e moradia. Desse modo, tanto as áreas de várzea quanto as áreas próximas às linhas férreas em São Paulo, foram sendo ocupadas por um grande número de imigrantes que vinham para a cidade de São Paulo e que não seguiam para as fazendas de café.

A origem da Rua Vinte e Cinco de Março está ligada à retificação do rio Tamanduateí ainda em 1849. Porém, ela não possuía ainda esse nome, e tão pouco tinha o traçado que hoje conhecemos. De início ela foi chamada de *Caminho das Sete Voltas*, depois quando foi transformada em rua denominou-se *Rua de Baixo* ou *Rua Baixa de São Bento*. Somente em 1865 é que ela foi oficialmente denominada de Rua Vinte e Cinco de Março, nome dado em homenagem à Primeira Carta Constitucional Brasileira. (cf. Marques 1966:84)

Um dos mais famosos memorialistas da cidade de São Paulo, Gabriel Marques, nos dá de forma pitoresca uma breve descrição da Rua Vinte e Cinco de Março, no tempo

---

<sup>4</sup> GREIBER, B.L., MALUF, L. S., MATTAR, V. C. *Memórias da Imigração-Libaneses e sírios em São Paulo*, São Paulo: Discurso Editorial, 1998, p.210.

em que o idioma predominante naquela área era o árabe e vários restaurantes de comida típica espalhavam-se pelas Ruas Abdo Schaim (antiga Rua Santo André), Cavaleiro Basílio Jafet e na própria Vinte e Cinco, a fim de atenuar a saudade da terra de origem.

Ele nos coloca o seguinte:

“Repare! Veja como é cheia de vida e possui os raros encantos da nossa raça! É bem a nossa Bagdá Paulistana, sem califa, é claro, e sem as águas rumorejantes do ‘Tigre’! Aqui se concretiza a divina recompensa do trabalho honesto e sem tréguas, da força de vontade sem desânimo, da persistência sem temores, e sempre da segurança dos que caminham em linha reta – convictos do triunfo final: a riqueza ganha com o suor do rosto! Sim, o dinheiro! O Luxo! (...)

*É rua colorida, alegre, gesticulante, com um cheiro gostoso de fazendas novas, tecidos gomados, de bons ou falsos perfumes e de sabonetes caros ou baratos. Ali há de tudo. Tudo que posa arregalar os olhos bisbilhoteiros se acha ali exposto em local bem visível. As vitrinas são, por isso mesmo, arlequinescas. Nelas nem faltam os tais velhos ‘pentes-finos para caçar piolhos’, nem mesmo o talco mal cheiroso para as senhoras suarentas. (...)*

*Mil e um artigos dos mais atraentes são ali exibidos sem a menor parcimônia. Quinquilharias; sedas de boa e má qualidade, lenços, vestidos, meias – tudo! Tudo caro? Talvez, sim! Talvez, não! Depende da cara do freguês...”(Marques 1966:82)*

Por esse trecho podemos ter uma idéia de que como era o imaginário popular no que se refere aos imigrantes árabes e a sua inserção no mundo comercial. Confesso que quando comecei a pesquisa esperei encontrar nas fotos antigas um cenário que lembrasse a clássica imagem do Oriente. Porém, qual não foi minha surpresa e até mesmo decepção, quando peguei uma foto de um trecho da Rua 25 de Março, datada de 1910, e não vi, os tecidos enfeitando a entrada das lojas, em as portas e janelas construídas à maneira dos bazares árabes que vimos nos cinemas ou até mesmo na literatura. Foi através de Bourdieu que entendi o que estava atrás desse aparente silêncio. Segundo ele:

*“Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida cotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da ‘assimilação’ a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si menos afastada possível da identidade legítima. Diferente destas estratégias que encerram o reconhecimento da identidade dominante e portanto dos critérios de apreciação apropriados a construí-la como legítima, a luta colectiva pela subversão das relações de forças simbólicas – que tem em vista não a supressão das características estigmatizadas mas a destruição da tábua dos valores que as constitui como estigmas -, que procura impor senão novos princípios de di-visão, pelo menos uma inversão dos sinais atribuídos às classes produzidas segundo os antigos princípios, é um esforço pela autonomia, entendida como poder de definir os princípios de definição do mundo social em conformidade com os seus próprios interesses (...).(Bourdieu 1989:124-125)*

O primeiro passo para que um grupo seja aceito e inserido em um outro maior é parecer ao máximo com ele. Desse modo ele poderá aos poucos mostrar as suas diferenças. Ao que tudo indica pelo material analisado até o momento, esses imigrantes (como os de outros grupos) optaram por essa forma de “aceitação”. Suas lojas não diferenciavam-se das demais lojas paulistanas, eram sim, muito comuns.

A vontade de ser *aceito* e portanto reconhecido era muito grande. No depoimento do Sr. Samoel Atlas, pude ter um bom exemplo de como esse imigrante no seu cotidiano procurava construir essa aceitação.

*“Quando precisava de ajuda mandava buscar o irmão, o primo ou o filho em sua terra. Fazia com que o parente soubesse o nome da freguesia sem escrever. Para que ninguém interferisse no seu grande capital: a freguesia.*

*E o imigrante não fazia só fregueses, fazia freguesas principalmente, mas ele fazia amigas. Ele se tornava amigo.* (grifos meus) (Greiber, Maluf, Mattar 1998:206)

Esse desejo de aceitação nos faz refletir também sobre as questões discriminatórias com relação a esse grupo. Os problemas relacionados à discriminação não eram poucos. A fala gutural e o fato de comerem carne crua muitas vezes traduziram-se em formas de não aceitação fora do grupo a que pertenciam. A pronúncia de algumas palavras (as letras **p** e **v** não existem no alfabeto árabe e o **g** é pronunciado como **c**: **brimo** por primo, **fale** por vale, etc) e a dificuldade em distinguir o feminino do masculino, tornou-se muitas vezes motivo de chacota e piadas. Diegues Jr. coloca inclusive sobre uma peça teatro encenada em São Paulo entre os anos de 1920/1930, cujo tema central partira da palavra *arbatache* (catorze em árabe), debochando da forma de pronunciar desses imigrantes.

Outra forma comum de caçoada, de menosprezo era chamá-los de **turcos**. Isso acontecia por que com a invasão do Império Turco-Otomano, os sírios e os libaneses que deixavam seus países o faziam com o passaporte turco. Chegando aqui eram aleatoriamente denominados de turcos, o que lhes causava grande descontentamento e irritação. Nesse sentido, vale destacar que até hoje esse tipo de denominação causa aos descendentes um certo desconforto. Quando as crianças começaram a ir para a escola, elas eram chamadas pelas outras de *'turquinha'*.

Apesar disso tudo, é interessante notar como ao longo das conversas que mantive, a maioria dos entrevistados negam que tinha havido algum tipo de conflito entre os brasileiros e os sírios e libaneses. Porém, pode-se pegar nas entrelinhas que as coisas não foram bem assim. Os conflitos aconteceram, dentro da própria colônia<sup>5</sup>, e externamente a ela. No depoimento da Sr. Alice Maluf, ela explica como foi seu contato com as demais mulheres, que não eram árabes.

*“...se você gosta de um vestido meu, eu empresto para você copiar. Aqui, quando cheguei, eu perguntava: ‘Onde você faz os seus vestidos?’ Por que eu não sabia de costureira nem nada! Diziam: ‘Você tem uma família tão grande e está me perguntando?’ ou ‘Numa costureira.’ **Eu até chorava à noite! Como eu perguntei uma coisa***

---

<sup>5</sup> A palavra **colônia** é normalmente utilizada pelos imigrantes como uma referência aos membros de mesma origem.

**dessas? Perguntavam muita coisa do Líbano, mas não me contavam nada daqui. Eu contava para o meu marido, ele dizia: ‘Você não compreendeu errado!’ Ele também não me apoiava!...**

**(...) ... e aqui era muito difícil. Até agora é muito difícil... Eu chorava, eu era nova aqui. Eu achava muito, muito triste...”** (Greiber, Maluf, Mattar 1998:711)

Com esse depoimento podemos perceber que nem sempre as coisas foram fáceis. E para alguns nem o tempo no Brasil foi capaz de tornar as diferenças menos duras!

Mas no campo do comércio essas diferenças se tornaram mais diluídas. Como todos os outros imigrantes, os sírios e os libaneses vieram ao Brasil com intuito de superar as dificuldades econômicas que passavam e voltar para o seu país de origem.

Apesar desse forte apelo econômico, o trabalho não era visto somente como uma fonte de acumulação e enriquecimento. Ele era também uma forma de dignidade e (re)construção da identidade nesta nova terra. A idéia de vencer vem articulada com o trabalho. Esta postura é comum entre os entrevistados de modo geral. O sr. Jorge Germanos diz o seguinte:

**“Eu tratava de subjugar as dificuldades com a vontade de vencer e eu consegui”** (Greiber, Maluf, Mattar 1998:683)

A idéia de vencer pelo trabalho vem preenchida por um conteúdo moral, muito importante para a construção da dignidade. Existe uma ética do imigrante a ser seguida, isto é, ele vem para vencer através de seu trabalho

A idéia de que nem todos, apesar do trabalho conseguiram chegar onde queriam, e de que entre eles existiam patrícios pobres foi encontrada entre poucos entrevistados. Prevalence entre eles a imagem do homem sofrido, do trabalhador que deu o sangue, mas que ficou bem de vida.

É muito difícil encontrar relatos ou pessoas que falem sobre os imigrantes que não conseguiram “se fazer”. Poucos têm a consciência de que, nem todos apesar de terem trabalhado muito não conseguiram vencer. Quando isso não aconteceu, ou seja, a pessoa não conseguiu “se fazer”, as razões para tal insucesso são atribuídas a uma culpa pessoal. Fulano não deu certo, por que alguma coisa errada ele tinha. Nesse momento entram razões tais como: “era vagabundo, bebia, jogava, se divertia com mulheres” dentre outras. O fato é que o enriquecimento se deu em uma determinada camada. E sem



dúvida nenhuma a atividade de **mascateação**, foi um dos passos para esse enriquecimento para boa parte dos que “se deram bem”!

Não é possível falarmos da Rua Vinte e Cinco de Março sem nos referirmos a atividade de mascateação e à figura do mascate.

A atividade de mascateação é muito antiga. Antes dos sírios e libaneses a praticarem no Brasil, os portugueses, os italianos e os judeus já a exerciam.

No Brasil costuma-se comumente confundir o **mascate** com **caixeiro viajante**. Antes de entrar propriamente no estudo da mascateação no Brasil e o envolvimento dos sírios e libaneses com essa atividade, vale apontar as diferenças entre essas duas categorias ligadas ao comércio. Segundo a Confederação Nacional do Comércio trata-se de atividades distintas. O mascate é um comerciante autônomo que vai se desfazendo do seu estoque à medida em que seus artigos vão sendo vendidos. Já o caixeiro viajante, é um empregado que normalmente recebe comissões sobre as vendas, é um “tirador de pedidos”, ou seja, vende aquilo que será entregue depois.(Confederação Nacional do Comércio p.142)

Em São Paulo, a história desses homens está intimamente ligada à rua Vinte de Março. Este foi o lugar em que os primeiros imigrantes se fixaram e de onde os primeiros mascates partiam tanto para vender em São Paulo quanto no interior do estado. Esse período, fim do século XIX início do século XX, a Vinte e Cinco de Março era conhecida como **rua dormitório**. Uma vez que esses trabalhadores saíam com a “luz acesa do quarto e retornavam na hora de acendê-la novamente”.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de, SADER, Maria Regina Cunha de Toledo. Paisagem e Cultura. Revista Imaginário-Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória – NIME/Laboratório de Estudos do Imaginário-LABI. São Paulo: [5]: 83-90, 1999.

ARAUJO, Oscar Egídio de. Enquistamentos Étnicos. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo, 6:231, março de 1940.

AUGÉ, Marc. O Sentido dos Outros. São Paulo: Editora Vozes, 1999.

BASTANI, Tanus Jorge, O Líbano e os Libaneses no Brasil. Rio de Janeiro: F. Briguet, 1949.

\_\_\_\_\_. Memórias de um Mascate. Rio de Janeiro: F. Briguet, 1949.

- BONNEMAISON Joël et CAMBRÉZY, Luc. Les Lien Territorial. Entre frontières et identités. *Géographie et Cultures*. Paris: [20]: 7-18, hiver 1996.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa: Editora Difel/Bertrand, 1989.
- BRUNO, Ernani Silva Bruno. História e Tradições da Cidade de São Paulo. Volumes I, II e III, São Paulo: Ed. Hucitec/Prefeitura do Município de São Paulo-SMC, 3ª edição, 1984.
- CAMPOS, Mintaha Aleuri. *Turco Pobre, Sírio Remediado, Libanês Rico: A Trajetória do Imigrante Libanês no Espírito Santo (1910/1940)*, Vitória (ES): Instituto Jones Santos Neves, 1987, p57.
- CANDAU. Joël. Anthropologie de la mémoire. Colecion Que sais-je?, France: Presses Universitaires de France, 1996
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). Paisagem, Tempo e Cultura, RJ: Ed. UERJ, 1998
- DARNTON, Robert O Grande Massacre de Gatos, Rio de Janeiro: Graal, 2ª edição, 1988, p.103-136.
- DE VOS, George A . Ethnic Pluralism: Conflict and Accommodation-The Role Ethnicity in Social History. In: Ethnic Identity-Creation, Conflict, and Accommodation ROMANUCCI-ROSS, Lola and DE VOS, George (editors), London: Altamira Press, 1995
- DEFFONTAINES, Pierre. Mascates ou pequenos negociantes ambulantes no Brasil. *Geografia*, 2 (1): 27, 1936
- FAUSTO, Boris, TRUZZI, Oswaldo, GRÜN, Roberto e SAKURAI, Célia. Imigração e política em São Paulo. São Paulo: FAPESP/IDESP/EDIT. UFSCar, Série Imigração, 1995.
- \_\_\_\_\_ (org). Fazer América. São Paulo: EDUSP/Fundação Alexandre de Gusmão/Memorial, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. Usos & Abusos da História Oral, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora.1996.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1989.
- GOMBRICH, Ernst H. Arte e Ilusão, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995, 384p.
- GREIBER, Betty Loeb, MALUF, Lina Saigh, MATTAR, Vera Cattini. Memórias da Imigração: libaneses e sírios em São Paulo, São Paulo: Discurso Editorial, 1998, 766p.
- HAJJAR, Claude Fahd. Imigração Árabe-100 anos de reflexão. São Paulo: Editora Ícone, 1985.

- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: EdiçõesVértice/Revista dos Tribunais, 1990
- HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence. A Invenção das Tradições, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987
- HOURANT, Albert. Uma História dos Povos Árabes. São Paulo: Cia das Letras, 2ª edição, 1995.
- KNOWLTON, Clark S. Libaneses no Brasil, mobilidade social e espacial, São Paulo: Anhembi, 1960.
- KUCZYNSKI, Leila Mohamed Youssef. Líbano-Impressões & Cultura-Por uma líbano-brasileira, Distribuidora Paulista de Livros, 1994.
- KURBAN, Taufik. Sírios e Libaneses no Brasil. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, 1933.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. São Paulo: Editora da UNICAMP, 3ª edição, 1994
- LESSER, Jeffrey. "O judeu é o turco de prestação": etnicidade, assimilação e imagens das elites sobre árabes e judeus no Brasil. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, (27):65-85, abril/1985
- LOPES, Carlos de São Thiago. São Paulo de Hontem. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Divisão de Arquivo do Estado., 1998.
- MARQUES, Gabriel. Ruas e Tradições de São Paulo, São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966
- MORSE, Richard. Formação Histórica de São Paulo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Coleção Corpo e Alma do Brasil.
- MOURA, Paulo Cursino de. São Paulo de Outrora-Evocações da Metrópole. São Paulo: EDUSP/ Editora Itatiaia, v.25, 1980.
- MÜLLER, N. L. Aspectos da Metrópole Paulista. In: AZEVEDO, Aroldo (org.) A Cidade de São Paulo-Estudos de Geografia Urbana, São Paulo: Editora Nacional, 1958
- NORA, Pierre. Les lieux de Mémoire, Quarto Gallimard, France, 1997, p.7-44
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. O Brasil dos Imigrantes. RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.
- Xth INTERNATIONAL ORAL HISTORU CONFERENCE. Oral History: Challenges for the 21<sup>st</sup> Century. Proceedings vol 1, 2, 3. Rio de Janeiro, RJ, 14-18 june, 1998.
- PINTO, Alfredo Moreira. A cidade de São Paulo em 1900. São Paulo: Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia, 1979.
- PORTO, Antonio Rodrigues. História da cidade de São Paulo através de suas ruas. São Paulo: Carthago Editorial, 1996

- POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora UNESP, 1ª reimpressão, 1998.
- SAID, Edward W.. Orientalismo-O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 1ª reimpressão, 1999.
- SANT'ANNA Nuto. São Paulo no século XVIII. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia/Conselho Estadual de Cultura, 1977.
- SCAPP, Ron, SEITZ, Brian (ed.) Eating Culture, N.Y.(USA): State University of New York Press, 1998.
- SERVIÇO NACIONAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA. A imigração árabe no Brasil. História da Imigração no Brasil-As famílias. São Paulo, p.69-85.
- TODOROV, Tzvetan. Nós e os Outros, v.1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- TRUZZI, Oswaldo Mário Serra Patrícios-Sírios e Libaneses em São Paulo, São Paulo: HUCITE, Coleção Estudos Brasileiros nr.31, 1997, 254p.